CAPÍTULO I – PIXAIM

Seqüência 01 – A Denúncia Das Areias

Ao sol do entardecer, a câmera passeia sobre algumas pegadas humanas desenhadas nas dunas. Depois de algum tempo, vai abrindo, mostrando uns pés, que logo em seguida pára a caminhada. A câmera sobe em direção ao rosto do homem. É Sr. Aladim Calixto, morador da Pixaim, falando sobre os rastros na areia. O som ambiente é enfatizado: o vento, os pássaros, o barulho do mar ao longe, o atrito dos pés ao pisar nas dunas, etc.

> *"(...) Você acha que se a Dalvinha pisar aqui eu num vejo o rastro dela? Quando ela passa aí no morro se atolando toda, com aqueles pés assim, com aquele jeito assim dos péis do pai dela, assim ói. Não, não conheço? Conheço! Ela pode vim com os péis no chão e pode vim calçado eu conheço, no tirar do pé eu conheço(...)"*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Seu Aladim Calixto, conversa com a equipe sobre os rastros deixados na areia, a medida que caminha pelas dunas em busca de pegadas de animais da região, como siricuri, ponta-boiada, capivara, saruê , entre outros.

Transição de Imagem (Seqüência 01 para 02): A câmera fixa enquadra uma das pegadas, que logo será coberta pelas dunas (gravação ocorrerá durante algum tempo e na edição, a imagem será acelerada).
Transição de Áudio (Seqüência 01 para 02): Corte seco para depoimentos da seqüência 02.

Seqüência 02 - O Caminhar das Dunas.

Depoimentos de moradores sobre o “caminhar das dunas”. A esses depoimentos, serão intercaladas imagens de coqueiros, cajueiros, cercas que estão sendo cobertas pelas dunas e morros que caminham em direção as casas.

“Porque a areia aterra tudo. A gente tem que mudá. Agora tá difícil dela aterrá. Porque tomemo toda a revisão, nós tumemo toda a revisão. Agora nós permitimos a casa nos lugar que elas tão cedo num vai atingir. Eu aqui tô sem medo, tão cedo tô sem medo. Aquele dali nem falar é bom, agora aquele dali, daqueles todinho quem vai ter medo é aquela dali, a Marlene ói. Aquela casinha de lá da beira do morro ói. Aquela dali tá de fazer medo. Esse ano vindouro ela vai saí dali.”

(Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

“É que vem aqueles morros sabe? Tá vendo aqueles morros? Tá caminhado tudinho ói. Ta vendo isso aqui? Era longe, essa lagoa aqui era muito longe, já comeu tudo. Tá vendo como ele vem? Isso tudo era brejo e ele vem comendo tudo. Daqui pra sair no Peba o batido é esse. Cê vê,, é coqueiro em baixo do morro e num é fácil!”

*(*Sr. Manoel Calixto, morador de Pixaim)

“Num sai. Ela pode sair ou por lá, ou por cá, mais aí por essa frente aqui ela num passa... Sei, porque eu sei, porque eu tenho toda experiência e eu sei que ela num passa.
... ela volta aquele pouco pra lá, mas quando bater o norte ela volta de novo pra cá, aí bate o sul, ela volta pra lá, aí bate o norte ela volta de novo pra cá e daí desse tanto ela num pode saí daí, tá presa.”

(Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Corta para ‘take’ fechado de uma cerca quase toda soterrada.

Transição de Imagem (Seqüência 02 para 03): Entram em quadro, mãos de mulher “escolhendo areias”.
Transição de Áudio (Seqüência 02 para 03): Som ambiente é enfatizado: o vento, o barulho da areia nas mãos da mulher.

Seqüência 03 – A Culinária

Corta para um quadro mais aberto, revelando toda a ação da mulher, quê escolhe alguns grãos de areia e os coloca dentro de uma panela. Quando termina de escolher as areias, ela pega a panela e anda em direção a casa.

A beira do fogão a lenha (os mais comuns na Pixaim), ela conta para que estava pegando os grãos de areia e fala um pouco sobre os hábitos alimentar da região.

> *“Eu mermo fiz pela minha sabedoria mermo assim. Eu boto a areia na panela, aí quando tá bem quente, coloca as pipocas, aí elas sai tudo pulando, pulando, pulando. Aí fica toda cheia, aí os menino coisa todinho.”*
>
> (Maria Elinete Calixto, moradora de Pixaim)

Corta para casa de outra mulher de Pixaim que prepara um bode ou galinha para ser servido
às pessoas que estão trabalhando na tapagem da casa. Ao tempo que vai preparando a comida ela também fala sobre os pratos mais comuns da culinária de Pixaim: a pilombeta, a macaxeira, etc.

Transição de Imagem (Seqüência 03 para 04): Close no caldeirão sendo tirado do fogo. Corta para o mesmo caldeirão sendo colocado numa bancada, no exterior da casa.

Transição de Áudio (Seqüência 03 para 04): O corte seco do som intimista da cozinha, do barulho da lenha queimando, dos sons das panelas sendo manuseadas é substituído aos poucos, pelo barulho de pessoas conversando, rindo, cantando.

Seqüência 04 - As casas

O caldeirão é colocado na bancada, de forma que não mostre a pessoa que o manuseia. Nesse 'take', sabemos que tem gente no local porque é possível escutar o barulho. Ao cortar para plano mais aberto, aí sim, serão mostradas as pessoas (que estavam/estarão) na construção das casas. Elas vão formando uma fila em direção à bancada onde foi posto o caldeirão. É hora da 'bóia' e do descanso. Essa cena, juntamente com a construção de duas casas (uma de taipa e outra de palha), irá intercalar os depoimentos das pessoas que estão participando das construções. Nesse momento, os depoimentos serão sobre essa arte secular: como mistura o barro; que tipo de madeira é usada; onde eles buscam essa madeira; que tipo de barro é mais apropriado para tapagem; a quantidade de palha que normalmente é usada numa construção; como aprenderam o ofício; o tempo que leva para casa ficar pronta; as armações; a abertura das palhas; quem participa da construção; qual o papel do dono da casa; das mulheres e das crianças; as músicas cantadas para alegrar o trabalho, etc.

> *"Ah! A tapage de casa é muita gente e é muito samba a brincar e beber como a peia!*
>
> *O dono da casa faz a comida, aquele povo faz a comida, nóis mata uma criação, uma coisa ou outra, uma galinha, um bode, uma pêga, e ajunta aquele povo todo e quando dá 3 hora, 2 hora tá com ela pronta. Começa 8 hora, 9 hora, 8hora. Mais é muita gente".*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

“Tem que matar um carneiro ou senão comprar a carne pra chamar a pessoa, porque tem que ser muita gente, que é pra poder fazer o tapamento, chamar o povo pra tapar.
Canta, no barreiro o povo gosta de cantar.”

(Dona Marili Calixto, moradora do Pixaim.)

Com as casas já construídas, os futuros moradores vão fazer a mudança: camas, santos, folhinhas, cadeira, etc.

Transcrição de Imagens (Seqüência 04 para 05): Ao fim da mudança, a câmera fica fixa enquadrando as duas casas recém-construídas. A imagem acelera, vem à noite.
Transcrição de Áudio (Seqüência 04 para 05): Som de suspense**.**

Seqüência 05 – As lendas

Corta para homens fazendo uma fogueira na frente das casas. Pessoas vão chegando e sentando ao redor da fogueira. Elas vão conversar sobre o que quiserem, depois, quando já tiverem bem descontraídas, irão falar sobre os seres sobrenaturais que rodeiam o povoado.

Enquanto acontecem os depoimentos, serão reconstituídos momentos de aparição de seres sobrenaturais, numa linguagem surreal e abstrata.

“Fogo corredor? Fogo corredor tem. Cansei de vê uns dois ou três passar aqui, chegar no mar, andar, voltar, mas, nunca mais eu vi não. Pega, home, Fogo Corredor é muito triste, fogo corredor, home, se arremedá ele, Ave Maria! É o compadre com a comadre, uuuuuu... é fogo pra todo lado.”

(Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

“Marçoni corre nas coisas né? Porque aqui num tem, num tem não quem corra, mais vem de Piaçabuçu pra cá. Quem vai dizer que vem? Corre bicho mulé, que vem de lá pra cá, que agente aqui, mermo daqui num corre não. Mas vem de lá pra cá que eu vejo o povo dizer e a gente já vimo pra traz. A gente já vimo ele aqui.”

(Dona Marili Calixato, moradora de Pixaim.)

“...num vê. Só o assuvêio, principalmente quando a pessoa vai pra pescaria, se ele assuviar nem vá porque num dá nada. Zumbi, é a alma do Zumbi, do Caboclo de Casco. Porque na época aqui, era cheio de mangue, era pra banda de lá, mas aí então criava mais esses bicho. Aí ele acabou né? Porque veio roçando essas duna de areia ai acabou. Ficou essa penitência, morreu né? Só assuvia. Se você assuviar, remedar, ele dá um assubêio bem grande perto de você, bem alto que você chega fica moca, surda. Aí se você não parar, aí diz que ele dá uma surra na pessoa, bate né? Agora ninguém num vê quem é.”

(Maria Elinete dos Santos Calixto, moradora da Pixaim.)

Transição de Imagem (Seqüência 05 para 06): Câmera vai fechando o zoom em direção a fogueira, até que toda a tela seja tomada pela imagem do fogo que fará fusão com o sol nascendo no mar da praia da Pixaim.

Transição de Áudio (Seqüência 05 para 06): Som de lenha queimando (fogueira) é mixado com o barulho de mar, vento, pássaros, etc.

Seqüência 06 – Água que Brota das Areias

A luz do sol vai clareando/acordando Pixaim. Uma mulher sai de casa equilibrando na cabeça uma bacia de roupa para lavar. Um homem está cavando nas dunas uma nova cacimba. A mulher enche a lata de água, coloca na cabeça e leva para casa, para aguar as plantas. O homem “esgota” (retira a água até o fim,

para que venha água nova) água de outra cacimba. Essas imagens vão se alternando com depoimentos dos moradores sobre a utilidade das cacimbas, seu feitio e manutenção, como sabem que naquele lugar vão encontrar água, etc.

> *"Sabe? Sabe, que onde ta molhado tem água. Ta molhado, tem água. Né alto aqui, lá num é mais baixo? Porque a água ta mais baixa."*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

> *"Esgotando com caneco, a água todinha. Enquanto num tirar a água todinha entonce num esgotou, né?*
>
> *Muito larga muito larga, aí vai dando mais trabalho, aí tem que cavar outra nova, pra dá um trabalho mais pouco, pruque ai num instante esgota né? E ela largona é um trabalho pra esgotar, quero que cê veja.*
>
> *Não mulé, porque num presta pra cavar, a areia fica roxa, a água fica vermelha, tem que cavar em outro lugar.*
>
> (Dona Marili Calixto dos Santos, moradora de Pixaim.)

A última cena desse bloco será a da mulher que está pegando água pra aguar as plantas. A câmera a acompanha até o jardim de casa, onde ela fala sobre a utilização da água para a agricultura e do cultivo das plantas ornamentais e medicinais.

Esse depoimento será intercalado com imagens dos "jardins da Pixaim"; suas flores, hortas, coqueiros, cajueiros, etc., na tentativa de mostrar um pouco a sabedoria dessa gente, que consegue fazer brotar vida, num lugar tão arenoso.

Transição de Imagem (Seqüência 06 para 07): Close nas mãos no momento que a mulher está colhendo as plantas e falando sobre as usadas pelos rezadores da região. Corta para imagem aberta, onde outra pessoa (rezador) está

terminando de colher os galhos, e segue para rezar em uma criança no colo da mãe.

Transição de Áudio (Seqüência 06 para 07): Barulho dos galhos sendo arrancados, das folhas batendo uma nas outras é mixado ao som da reza. Este cresce e o dos galhos some. Corta para próxima cena.

Seqüência 07 – Rezadores

O rezador tem papel importante na região, pois ele cura doenças e mal olhado com rezas e plantas medicinais. A seqüência das cenas mostra um pouco da sabedoria milenar que desperta curiosidade e magia de quem não a conhece. Alguns questionamentos serão abordados nesse momento, tipo: será que é preciso algum dom especial para que a reza realmente funcione? Porque se reza com o 'Pião Roxo' e a 'Vassourinha'? Como ele aprendeu a rezar?

Transição de Imagem (Seqüência 07 para 08): Câmera no 'travelling' enquadrando o rezador, deslóca-se para o lado, passando por cerca em primeiro plano, que descortina homem pastoreando rebanho de cabras.

PS: Ver figuras 01,02,03 e 04, no item: Simulação das Estratégias de Abordagem

Transição de Áudio (Seqüência 07 para 08): a reza vai se misturando aos chocalhos e ruídos das cabras, ao som do vento e a voz do homem que vem pastoreando o rebanho.

Seqüência 08 - As criações

Homem vem pastoreando as cabras, até que elas entrem no curral. Ele então começa a conversar, fala sobre a criação das ovelhas, vacas, galinhas e patos, mas principalmente sobre a "ovelha da Santa": uma ovelha que é "criada"

pela Santa e será sacrificada no dia da festa, servindo de alimento para os organizadores do evento e convidados.

Enquanto ele fala sobre a “Ovelha da Santa”, um garoto vai levando a Ovelha para casa de Sr. Aladim, onde é feita a preparação das comidas da festa.

A câmera fica fixa em frente à casa, registrando o movimento por mais ou menos 30’. Na edição será dado ‘fast’ na imagem, para representar a correria e a expectativa da comunidade em torno da festa da Padroeira. Nessa cena, o som é um mix de pessoas falando, sons de objetos de cozinha, lenha queimando, água lavando pratos e tudo que estiver relacionado ao preparo da festa. Essa cena deverá ter em torno de 2’, nos últimos ‘frames’, será acrescentado ao áudio, os berros da “Ovelha da Santa”, que está sendo abatida, e a fala dos homens que estão realizando o abate, sempre misturado e confuso, como se alguém estivesse escutando esses sons de muito longe e não conseguisse discernir um do outro.

Corta para o quintal da casa, onde está sendo abatida a ovelha, no momento exato da paulada em sua cabeça em ‘slow motion’. O som pára e dá lugar ao silêncio.

Transição de Imagem (Seqüência 08 para 09): ovelha morta, sozinha em cima de uma bancada bem perto da câmera, que faz uma panorâmica vertical em direção ao céu. Ao voltar para o chão, já encontra a próxima seqüência com a igrejinha e a banda de pífano.

Transição de Áudio (Seqüência 08 para 09): quando a câmera está indo em direção ao céu, o som do silêncio vai se transformando nos sons dos tambores (zabumba e caixa), instrumentos de percussão utilizados pelas bandas de pífanos. Quando a câmera desce em direção a igreja são introduzidos os sons dos pífanos.

Seqüência 09 - A Festa Da Padroeira Imaculada Conceição

Seguem algumas imagens dos pifeiros tocando em frente à igreja (eles começam a tocar logo cedo, em torno de 5 horas da manhã como saudação a Santa.) Nesse momento, a igrejinha já está arrumada pra festa; pintada, varrida, com flores, velas, bandeirinhas na frente e algumas barracas de bebida e comida.

As imagens da bandinha de pífano serão intercaladas com as imagens da arrumação e com depoimentos das pessoas que estão realizando esse trabalho, sempre tendo a música dos pífanos ao fundo.

As bandas de pífanos na região da Foz do Rio São Francisco, são compostas geralmente por dois pifeiros (um fazendo a primeira voz e outro a segunda), um tocador de zabumba e um de tarol. É também muito comum ter duas bandas alternando as tocadas, quando uma termina a outra começa e vice versa, numa disputa que faz a festa ainda mais animada.

Para os depoimentos desses músicos o posicionamento da câmera será fixo, enquadrando todo o cenário da festa. O tocador que, na hora em que estiver conversando, estará no primeiro plano, trocando de lugar com o próximo (se um está na direita e bem perto da câmera, o outro estará do lado esquerdo e um pouco mais afastado; assim por diante), para que na edição o corte de um para o outro seja feito sem usar efeito de pós-produção, apenas corte seco. Na verdade, essa mudança de posição já é o 'efeito', criando um dinamismo com a própria história da festa que mexe com todo ritmo do lugar.

Como esses músicos vêm de vários locais da região, será feita uma pequena apresentação que será alternada com depoimentos curtos sobre a festa da Padroeira Imaculada Conceição: a realização da "vena" (ritual sagrado realizado pelas bandas de pífano no início e término das festividades religiosas, como reverência ao Santíssimo e ao santo ou santa homenageado (a)) e a crescente desvalorização desta tradição durante as festividades religiosas, substituídas por equipamentos sonoros amplificados como carros de som e trios elétricos.

PS: Para melhor visualização da idéia acima mencionada, ver figuras 05, 06, 07, 08 e 09, no item: Simulação das Estratégias de Abordagem.

Como esses depoimentos, não são reais (mas baseados em vivências) os nomes dos personagens também serão fictícios, apenas a título de ilustração.

Os tocadores, com seus respectivos instrumentos olham para câmera ao se apresentarem. No depoimento, continua o tom de conversa, eles já não mais olham para câmera e sim para o lado, para a pessoa que estará conversando.

"Sou Cícero da Tina, de Piaçabuçu".
"José dos Santos, de Brejo Grande".
"Irineu Assis. Moro do Bonito".

"Nóis começa a tocar logo cedinho e vai até umas hora, vamo dizer assim, até umas 10, 11 horas, aí para pra comer, descansa um bocado e quando é de tardinha pega de novo com gosto e só pára de novo quando começa a missa."

(Depoimento de Irineu Assis, tocador de pífano).

Marinaldo do Ataíde, de Piaçabuçu.
Eu me chamo Maurício, de Piaçabuçu.
Geremias da Silva, moro na Cerquinha.

Agora pra gente tocar nas procissão tá muito mais difícil né, porque os padre vai e bota aquele trio elétrico bem grande, com aquela música numas altura danada, quem é que vai escutar a gente?!

Depoimento de Sr. Geremias, tocador de tarol.

Jeremias da Anunciação, de Brejo Grande.
Francisco de Jesus, da Mata do Rolo.
Januário de Jesus, da Mata do Rolo.

Antes de começá a missa, a gente faz a Vena. A vena é assim: entra os pifero na frente e o zabumba e a caixa atrás. Quando chega lá na frente do altar, os pifeiro se ajoelha, mas não pára de tocar não, se ajoelha tocando, depois vai pra trás, mais de costa sabe? Não pode dá as costa pro altar. Pois bem, os que tavam atrás agora passa pra frente e se ajoelha, sem pará de tocar. Depois troca de novo e os de detrás vem pra frente, aí, de um em um, pára de tocar, se ajoelha

e faz o sinal da cruz. Aí depois a gente vai tocando e saindo da igreja, mas sem dá as costas. Sempre de frente pra o Santíssimo. Isso é a "vena", mais tem também o "sinal da cruz", que a gente faz quando chega lá fora. A gente faz a "vena" e o "sinal da cruz", quando começa e quando termina a missa.

(Depoimento de Januário de Jesus, tocador de pífano)

Segundo alguns pifeiros, como Sr. Cícero Lino, por exemplo, o "sinal da cruz" serve para avisar aos fiéis que a missa vai começar. Ao sair da igreja, de costas, os quatro integrantes da banda de pífano, formam um círculo, toca uma música mais animada, como uma marcha dobrada, por exemplo, e ao se olharem, trocam de lugar, formando com seus corpos uma cruz no espaço.

O depoimento de "Sr. Januário", será coberto por imagens dos pifeiros na missa, fazendo a "vena". Em seguida, entra outras imagens da festa: o "sinal da cruz" a missa, com seus cânticos e orações, os fogos em homenagem à santa, a dança, a música, o leilão, as brincadeiras, etc.

Transição de Imagem (Seqüência 09 para 10): Durante a festa a câmera passeia entre as pessoas, até chegar numa banca de comida, onde enquadra um cartaz com os preços dos produtos, entre eles; ARROZ DOCE – R$ 1,00. Corta para próxima cena – close em mãos de uma mulher catando arroz que está em cima da mesa.

Transição de Áudio (Seqüência 09 para 10): O fim do som de um foguete (tipo de fogo de artifício, que faz grande barulho e é sempre muito utilizado nas festas cristãs do interior, como homenagem ao Santo festejado) dá lugar ao som do arroz sendo catado: o manuseio, a queda do arroz na panela, etc.

Seqüência 10 - O arroz

Até agora, foi apresentada a sabedoria do povo, que descobriu uma forma peculiar de viver sobre as areias: seus costumes, suas crenças, tradições, a

ligação afetiva com o espaço físico... Enfim, a simplicidade de uma gente que não precisa de extravagâncias pra ser feliz e que por tudo isso, tem muito a ensinar. Nesse momento, o espectador já criou um vínculo emocional com a comunidade: já conhece os personagens, as paisagens, as histórias e 'causos'. Pixaim deixa de ser desconhecida, passa a existir no imaginário do espectador. É então chegada a hora de alertar sobre o possível desaparecimento da comunidade, pois, na "visão" do documentário, a maneira de viver de um povo, seus costumes e crenças, por mais que sejam lembradas e contadas, jamais, poderão ser reproduzidas em sua totalidade. Quando se extingue uma raça, uma forma de vida, perde-se para sempre a identidade. Quem sabe, se Pixaim passar a existir na vida de mais pessoas que a vejam não como o "Paraíso de Adão e Eva" (expressão usada pela antropóloga Madalena Zambi, em sua tese de Mestrado, quando se refere à forma que pessoas desinformadas costumam ver Pixaim), com suas belezas e singularidade sim, mas também com suas inúmeras dificuldades, caminhando cada vez mais para o desaparecimento, Pixaim tenha um rumo diferente do Pontal da Barra e do Cabeço.

O close nas mãos da mulher catando arroz numa mesa servirá de passagem entre os vários depoimentos sobre o cultivo do cereal, que já foi tão presente na comunidade de Pixaim. Cada vez que aparece essa imagem, menos arroz terá sobre a mesa.

> *"Todo mundo vai procurar seu meio de vida né minha filha. Eu sei que daqui tem gente morando até no Rio de Janeiro. Piaçabuçu, Ilha dos Bois, Brejo Grande, tão tudo espaiado, no Peba, ah! O povo foro simbora tudo. Nóis tem que ir simbora minha irmã, que arroz, num tá prantando mais arroz. O que é que vai fazer aqui, esse povo? Mais nada, que tudo trabalhava na folia de arroz, né? Tem que ir simbora."*
>
> (Dona Marili Calixto, moradora de Piaçabuçu)

Close das mãos que catam arroz.

> *"O arroz, Ave Maria o arroz dava de, de muitão, de embolá. Quanto mais água vinha, mais dava arroz, é.... porque ele deixava aquela côia, aquela côia amarela, é ..."*
>
> (Sr. Manoel Calixto, morador da Pixaim)

Close das mãos que catam arroz.

> *"... num dá não, mode água é salgada. Numa maré dessa se prantá arroz hoje, pra semana tá preto que só carvão. Num vai com água salgada porque quando aquela água baixar, aquela água salgada fica tudo perto do arroz. O arroz num vai, vai se acabar...*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Close das mãos que catam arroz.

> *"Pra onde vai prantar arroz com essa água salgada toda, pra matar o arroz todo."*
>
> (Dona Marili Calixto, moradora de Piaçabuçu.)

Close das mãos que catam arroz.

> *...quando cê faz assim chia mermo que só sal, chia que só sal... chia a água, chia de salgada que é, aí num pode, num tem condição. Antes a água num salgava de jeito nenhum. Nós tinha água doce."*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Close das mãos que catam arroz.

Transição de Imagem (Seqüência 10 para 11): Câmera fixa de baixo para cima enquadra as mãos, que tira da mesa os últimos grãos de arroz (simbolizando a falta de alimento, cada vez mais freqüente nas casas de Pixaim). Essa imagem entra em fusão com a de um puçá (utensílio de pesca, que faz lembrar uma grande peneira, que deve estar no mesmo enquadramento da mesa), sendo retirado da água, vazio, sem pesca. O enquadramento do puçá também deverá ser de baixo para cima.

Transição de Áudio (Seqüência 10 para 11): Nas cenas anteriores das mãos catando o arroz, o áudio da ação é muito presente. Nessa transição, ele se mistura ao som da água do rio que toma conta da cena, cada vez que aparece alguém pescando.

Seqüência 11 – O Pescado

Corta para imagem de pescador ou pescadora com puçá, em tela cheia.

Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.

Caracteres: 'Puçá' OU 'Gererê' – Muito utilizado para pesca de pitu e camarão da água doce.

Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *"Ah! Antes era melhor, antes eu fazia muita pescaria. O peixe tava aí na cara. Numa pescaria fazia 60, 80, 100, numa pescaria... Agora num faz não. ...*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Corta para imagem de pescador ou pescadora com tarrafa, em tela cheia.

Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.

Caracteres: Tarrafa – rede em forma de círculo, utilizada para pescar tainha, piau, chira, cabaço, bagre, etc.

Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *"O peixe aí no rio tá mais sabido por que a água tá azul. O peixe avista a rede de longe e naquele tempo a água era barrenta pru mode a água do rio. O peixe vinha, era aquela água barrenta, quando ia dá fé, já tava malhado e agora não, ela abasta pegar um cisquinho que de longe ele já vê a rede piscá assim. Aí vê o cordão da rede assim, quando chega daqui assim já vê a rede. Aí desvia pra traz, num maia de jeito nenhum."*
>
> **(**Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Corta para imagem de pescador ou pescadora com rede de pilombeta, em tela cheia.

Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.

Caracteres: Rede de Pilombeta – Rede comprida, de malha fina, com chumbadas e bóias. Específica para pesca da pilombeta.

Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *"A rede ficava era assim ói, tudo encabeciadinha, tão alvinha, tá! Chega dançá mermo. Quando tirava a rede pra terra, tá! Tirava era de meio cesto home de pilombeta, cada uma pilombeta deste tamanho. Agora? Agora num dá como dava com a enchente de rio nada. Num chega nem, ói, são 4 partes, num chega nem meia parte home! As vez eles vão pescare, pega 4, 5, 6, 8 quilo. Naquela época só dum lance num vinha nem 10 quilo, vinha era duma arroba pra frente. Por isso que eu digo, naquele tempo era muito bom, era muito bom."*
>
> (Sr. Aladim Calixto, morador da Pixaim.)

Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.
Caracteres: Covo – São fincados nas crôas ou nas margens do rio em torno de 8 horas. Pesca pitu e camarão da água doce.
Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *"O rio era fundo e a água do rio tava aí amarela, antigamente você alcançou a água amarela, nera? Cadê agora, repare, repare... agora água azul, direto. Quando a água fica meio amarelona uma coisinha, é aquele repiquetezinho que o rio bota né? Com 2, 3 dias já vai simbora a água, poquinha, vai simbora, é assim.*

Corta para imagem de pescador ou pescadora com cuvu, em tela cheia.
Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.
Caracteres: Cuvu – Pesca peixe de brejo como a tilápia, traira, munçum e piaba.
Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *Aqui no brejo? Ave Maria, peguei muito minha fia, muito camarão, num gosto nem de ouvi falar, camarão, pegava de meio salamim e salamim. Cada camarão que era deste tamanho. O Salamim é 10 litro e o meio salamim é 5 litro, tá entendendo? Era cada um camarão que era deste tamanho, quando tirava ficava tão vermelho. Peguei foi muito de covo. Pegá pega, poquinho né? Como antigamente nada! Tudo mudou minha filha, tudo mudou. Foi por isso que o pessoá foi simbora daqui. Porque cê sabe, a pessoa pra botá um covo, pra tirar meio litro, quando é que o nego vai? Vai pegar camarão mode fazer feira? Aí teve que procurar uma melhora por fora, foro tudo embora, pronto."*
>
> **(**Sr. Aladim Calixto, morador de Pixaim.)

Corta para imagem de pescador ou pescadora com ratoeira, em tela cheia.

Corta para tela dividida, tendo a imagem do pescador (a) de um lado e caracteres do outro.

Caracteres: Ratoeira – Feita de lata de olho. Serve para pescar caranguejo guaiamum.

Corta para depoimento de pescador (a) em tela cheia:

> *"As água que passava na cabeceira do rio tinha que passar aqui, tinha que escorrer aqui, tinha que passar aqui, e passava aqui cum muita força e cum muita água, nera aguinha não, era muita água. Você repare que antigamente aí a cheia cobria essas ilha toda, era a água que vinha do Rio de São Francisco.*
>
> *Era, era bom essa água porque deixava muito peixe, camarão, essas coisa né?*
>
> *Ah tenho saudade muita. Aquele era um tempo de fartura...é... o Rio de São Francisco naquele tempo que tinha enchente era muita fartura, de tudo, de tudo..."*
>
> (Sr. Manoel Calixo, morador de Pixaim.

Corta para imagem de pescador, que ao entardecer (noite americana), carrega um motor de rabeta de casa até o barco. Ele ajeita a rede, coloca o motor e dá a partida. Navega em direção a foz. O som de seus passos, do vento, das águas do rio, dos pássaros, da partida do motor, devem ser evidenciados.

Transição de Imagem (Seqüência 11 para 12): Câmera fixa enquadrando barco em primeiro plano. À medida que o barco vai se distanciando, a imagem vai ficando sem cor, tomando um aspecto amarelado até ficar preta e branca, reforçando as agressões que o rio São Francisco vem sofrendo ao longo do curso.

Transição de Áudio (Cena 11 para Cena 12): O som ambiente, que estava sendo evidenciado na cena do pescador, mistura-se a introdução da música "Lamento de um Pescador". Lenta, chorosa, com acordes menores, violoncelo e

flauta transversal, essa música será trabalhada de forma que leve o espectador a sentir melancolia, tristeza, dor.

Seqüência 12 - Clipe ao som da música 'Lamento de Um pescador'

"*Quando a luz da lua / Deita sobre o rio / Veleiro vai pescar / Saudade há de deixar ôô / Pescador cantou na madrugada / Viu sujeira passar /Chorou / Pescador cantou na madrugada / Viu sujeira passar / Chorou / De volta a casa / Se trouxe peixe bom / Não sei."*

Este clipe, será coberto com imagens do rio, de pescadores, áreas desmatadas, lixos, esgotos e assoreamento. A câmera na mão, em movimentos sutis, como se imitasse o balanço do rio. Os 'takes' serão longos, acompanhando o ritmo da música e proporcionando ao espectador um tempo de reflexão.

Transição de Imagem (Seqüência 12 para 13): A Câmera está num barco, acompanhando uma garrafa pet. O barco acelera passando da garrafa e enquadrando um navio de brinquedo, feito de madeira. Nessa passagem a imagem volta a ficar colorida, mas com um leve tom amarelado e algumas sujeiras na tela para dar idéia de passado, mas um passado alegre e de bonança, por isso a importância das cores.

Transição de Áudio (Cena 12 para Cena 13): A música triste e chorosa vai fundindo com buzinas de navios, sons de pessoas trabalhando, murmúrios e sorrisos. É o som do antigo Pontal da Barra quando estava em total atividade.

CAPÍTULO II – O EXTINTO POVOADO DO PONTAL DA BARRA

Seqüência 01 – A 'Cidade de Brinquedo' do Pontal

Ainda no plano seqüência da garrafa para o navio, um garoto de aproximadamente 7 anos, sai do mergulho revelando que era ele quem vinha por debaixo d'água puxando e brincando com o navio.

Corta para Cidade de Brinquedo do Pontal, onde crianças brincam de ser seus antigos moradores. Um dos atores mirim, interpretando o alemão Halfeld, termina de escrever uma carta para Dom Pedro II, por quem foi contratado, em 1854, para fazer o mapeamento do Rio São Francisco. Enquanto Halfeld lê, a camisa passeia pela Cidade de Brinquedo do Pontal.

Carta de Halfed a DonPedro II:

> *"(...) Abaixo do Conhá entra, para a margem esquerda, o pequeno riacho do Pontal, e immediato da sua barra está o ancoradouro de uma catraia lá estacionada de parte do governo provincial de Alagoas, para guiar as embarcações, que se apresentão fora da barra do Rio de S. Francisco, e dão o sinal de pretenderem entrar barra adentro, pelo melhor e mais seguro canal na passagem do baixo Cordão da Barra, que tem-se formado em meio circulo fora da embocadura do Rio, de norte, ao sul do pontal à esquerda para o pontal à direita da sua barra. Immediato abaixo da casa da Oração, sobre um monte de areia (dunas), está um observatório ou atalaia, construída de paos roliços em forma de escada. Aqui tem o rio a largura de 6.300 palmos, e abaixo deste observatório, sobre a praia se área, está o povoado do Pontal, que tem uma casa de oração, um quartel e vinte e tantas pequenas casas e ranchinhos, entre estas, aquellas em que reside o pessoal empregado ao serviço a catraia "*

Em corte seco, entra depoimentos de ex-moradores do Pontal, que serão pontuados com pequenos 'takes' da "Cidade de Brinquedo" (correio, telégrafo, companhia de praticagem, os navios, o faro, casas, igreja, etc.) e da Foz do Rio São Francisco, onde estava localizado o Pontal da Barra. Como o Pontal era

construído sobre as dunas, muitas de suas casas foram soterradas pelas areias. Nos depoimentos que falarem sobre o soterramento, serão exibidas partes da cidade sofrendo essa ação da natureza.

> *"Tinha uma companhia lá, de correio e telégrafo, inda hoje tem telegrafista vivo aí em Penedo, que trabalhou lá; Sr. Zau, chamava-se Zau, e... tinha uma companhia de praticagem, pra funcioná, botá os navio pra dentro e pra fora. Eu fui um funcionário, dos derradeiro, fui atalaiador por 5 anos, ainda manobrei com aqueles navio dos Peixoto. Peixoto Gonçalves. Quem botava pra dentro era eu, botava pra dentro, botava pra fora, aí logo depois, os canais foi secando né? Nessas represa que fizeram lá pra cima, foi secando, o rio foi secando, inda hoje continua secando, aí a barra foi diminuindo, navio não podia mais carregar. Aí vendero os navio, aí dero baixa na praticage."*
>
> (Sr. Osório, ex-morador do Pontal da Barra.)

> *"...o povo da atalaia assubia e levantava aquela bandeira lá em cima na atalaia que era pra... e o farol acendia né? No Cabeço. Levantava a bandeira vermelha levantava, o navio num passava..."*
>
> (Dona Maria Aparecida, ex-moradora do Pontal da Barra.)

> *"Atalaia, a primeira que foi construída ói aquela. Aí o rio veio comendo, quando terminou de comer aí ficou só aqueles dois pé.*
>
> *Era, entrava vários tipo de navio, tinha o Bocândia, tinha o Pirinêu, Brasil Luso, Luso Brasil... Brasil Luso era o pequeno... Maior era o Pirinêu, Pirinêu e o Bocânia.*
>
> *...ele foi destruído entre o rio e o mar né? Tinha o morro vinha e o povo tirava as casa botava pra frente, quando num era isso era o rio que dava aquelas quebra aí comia. A minha casa quem comeu mermo foi o rio, foi."*

(José Gonçalves, ex- morador do Pontal da Barra.)

"...foi o que eu tenho de mais feliz da vida. Criava muita galinha, era muito peixe mermo viu? Meu esposo trabaiava lá. Era muitos, Sr. Osório, o Galego, a família do Mizinho, do Carrinho."

(Dona Maria Aparecida, ex-moradora do Pontal da Barra.)

"... do meu conhecimento pra cá, do meu entendimento pra cá, era mais ou menos umas cem casa, aí foi diminuindo, o rio carregava, o rio carregava uma parte, o morro aterrava outra, o pessoal iam saindo, aquele pessoal mais velho iam saindo, ficando os mais novo..."

(Manoel Calixto, ex-morador de Pixaim.)

"Eu sou filho naturá do Pontá. Casei lá, criei meus filhos, quer dizer uma parte dos filhos foi criada lá e outra já foi criada aqui. Então agora já... ta com uns 6 a 7 anos atrás, chegou a turma do IBAMA pra tirar o pessoá de lá, o pessoá todo de lá. Agora porque tinha um pessoá clandestino de longe que estavam esculhambando, fazendo esculhambação pra lá, numa área em cima do Pontá, na beira do morro. Então tinha, uma, uma chefe aí. Chefe aí do Peba. Chefe do IBAMA, mas ela, ela num sabia trabalhar. Num sabia não, não sabe trabalhar. O que ela deveria ter feito, era tirar os clandestinos, e não ter mexido comigo. Até hoje tava lá. Agora, coqueiro lá, que eu plantei, casa.. A casa, meus filhos pra eu não sofrer uma desfeita maior, meus filhos foi quem foi e queimou, eles mermo. Porque eles iam queimar. A desfeita ia ser menos né? E os coqueiro ficou lá, pra eles, num me pagaro um centavo."

(Sr. Osório Batista dos Santos, ex-morador do Pontal da Barra)

Nesse momento a tela se divide: de um lado, Sr. Osório ao por do sol (como alusão as casas que foram queimadas pelo IBAMA), caminha pelo antigo Pontal, recordando o passado, sua infância, seu casamento, o trabalho na atalaia, sua casa em chamas, etc. Do outro lado, na tela preta, aparecem ondas de voz em movimento, e em baixo o nome indicando de quem é essa voz.

PS: Ver figuras 10 e 11, no item: Simulação das Estratégias de Abordagem.

OBS.: Não iremos gravar novamente os depoimentos de Irene da Silva e Madalena Zambi, como só precisaremos do áudio, usaremos o que já temos, portanto serão usados, os depoimentos exatamente como estão descritos abaixo.

> *"A situação estava se agravando de uma forma tal, que se não fizesse um trabalho de choque, como aquele que foi feito, talvez hoje, nós não tivéssemos mais controle sobre a foz do São Francisco.*
> *Queimou a casa dos pescadores, fez isso, dona fulana ficou com raiva porque não foi indenizada...*
> *... eu não sei em que as pessoas queriam essas indenizações, eu não entendo porque que elas queriam, que elas não eram donas de nada!*
>
> (Irene da Silva - Analista Ambiental do IBAMA)

Corta novamente para tela cheia.

> *"Nós nasce e se cria num lugar, cê acha que seje invasão? Eu acho que não, acho que não se é não, porque nós nasceu e se criou-se no Pontal. Tinha um vajado assim, o camarada foi e prantou uns coqueiro, quando é agora o IBAMA foi e achou que foi invasão do camarada e fez ele sair de lá apulso! Mas eu acredito que não foi invasão não, eu acho que não, ele nasceu e se crio-se ali! Cercou*

assim um vajado, prantou assim uns coqueiro, pra comer mais a família, porque, qualé a renda que dá aqueles coqueiro ali? Aí o IBAMA achou que fosse invasão, aí tirou. Sei não como é uma coisa daquela não."

José Gonçalves, ex- morador do Pontal da Barra)

Corta para tela dividida: de um lado as ondas de áudio com o devido crédito e do outro, vários closes de ex-moradores do Pontal da Barra.

"Quando o Sr. Osório, um morador do Pontal da Barra, nasceu no Pontal da Barra, o avô dele nasceu no Pontal da Barra, o pai, ele já foi atalaiador lá. Quando ele disse ao IBAMA que aquela terra era dele, e que o coqueiro era a demarcação do seu quintal, o IBAMA não escuta a história, não considera o que ele tava falando... "

"Então o que é que acontece? Quando eles entram na justiça contra o IBAMA, eles perdem e saem dali tachados de invasores, sem direito a indenização. O que eu acho que é um absurdo... essa situação como eles acham, precisa ser revista. Isso precisa ser novamente apreciado. Eles merecem indenização ou voltar a ter direito de voltar a viver ali, mesmo
que sujeito a legislação da APA. É isso que eu acho. Que isso tem que ser revisto pra uma solução mais justa, porque a pessoa sair como invasora do seu próprio lugar, do seu próprio território!"

(Madalena Zambi, antropóloga, autora da Dissertação de Mestrado intitulada: As "Áreas Vivas" de Pixaim: a Comunidade das Dunas da Foz do São Francisco- 2004)

Transição de Imagem (Seqüência 01 para 02): Corta pra tela cheia com imagem do Sr. Ozório caminhando entre as duna.

Transição de Áudio (Cena 01 para Cena 02): Corte seco para introdução da música "Fui Visitar a linda Foz".

CAPÍTULO III – O EXTINTO POVOADO DO CABEÇO

Seqüência 01 – Mar e Céu

Clipe com a música; “Fui Visitar a Linda Foz”, que será regravada, para que possamos inserir (na seqüência que segue abaixo) os depoimentos já colhidos.

O clipe inicia-se com imagens do Rio São Francisco quando a maré estiver baixa, revelando as inúmeras crôas e o banco de areia que está se formando no mar, do lado de Sergipe, devido ao baixo volume de água que vem chegando até sua Foz. Seguem imagens que intensifiquem a letra da música e os depoimentos em off, mostrando, como diz Dona Adair, que ‘a destruirão ainda não parou’.

Algumas sugestões de ‘takes’:

- A câmera está num barco, que após circular o Farol, navega em direção a costa.

- Câmera dentro de aquário (para proteger da água), está posicionada na beira do mar, onda vem e toma toda a tela.

- Câmera em tripé posicionada atrás do tronco de um coqueiro, na costa, focaliza o farol e vai abrindo lentamente passando o foco para o tronco do coqueiro, mostrando a distância do farol para a costa.

> *“A gente falava aqui o povo do Cabeço do outro lado ouvia, agora entrava navio. Ainda arcancei os navio entrando pra Penedo. Hoje num entra mais navio pra Penedo. A barra tá seca, cheia de crôa...”*
>
> (Sr. Ozório, ex-morador do Pontal daBarra)

> *“O Cabeço, o Cabeço foi simbora...*

Fui visitar a linda foz / Vi coisa de admirar / Vi o Cabeço e Prainha / Que se acabou-se dentro do mar / Ai, ai, ai / Se acabou-se dendo mar / Ai, ai, ai / Se acabou-se dendo mar / O Cabeço e a Prainha era povoado afamado/ Hoje só se resta é o Farol véio tombado / Ai, ai, ai, é o farol véio tombado / Ai, ai, ai / é o farol véio tombado /

O negócio é que o rio vinha mais ligeiro, vinha com muita força, vinha com muita força ali, era muita água, tá entendendo? Dominava essa água daqui até a boca da barra... o mar num entrava aqui não que o rio dominava, mas agora?"

Valeime meu São Francisco / Me empreste o seu chapéu / O Cabeço e a Prainha / Virou tudo mar e céu / Ai, ai, ai / é o farol véio tombado / ai, ai, ai, virou tudo mar e céu /Ai, ai, ai, agora tudo é mar e céu.

Transição de imagem (Seqüência 01 para 02): Câmera alta mostra um caminho de pegadas na beira da praia, o mar vem e apaga as pegadas da areia ao tempo que a imagem vai perdendo a cor, sem chegar ao preto e branco. Ela tem as cores das fotografias do antigo Cabeço, guardadas como recordação por seus ex-moradores. A imagem vira uma fotografia.

Transição de Áudio (Seqüência 01 para 02): A música, Fui Visitar a Linda Foz, vai baixando e o som do mar, do vento, do balanço dos coqueiros, vai sendo evidenciado. Barulho de flash sendo disparado.

Seqüência 02 – "A correnteza Só Vem do Mar"

A fotografia das "pegadas apagadas" está sendo manuseada, junto com fotos do antigo povoado do Cabeço por Dona Maria Adair. Sentada em uma cadeira, na varanda de sua atual casa, ela nos conta como era a vida naquela comunidade, do que tem saudade, do que ficou para trás, o que pensa sobre o assunto, etc. A fala de Dona Maria, vai ser intercalada com as fotos que estão em

suas mãos e imagens da costa, com seus coqueiros no chão e enorme banco de areia formado no mar.

> *"Ah! O Cabeço era muito bom e bonito né? Porque tinha só aquelas ruas, tudo, tudo bacaninha, tudo enfeitado. Era muito divertido lá. Tinha festa, tinha tudo, tinha igreja católica, depois fizeram uma Igreja Protestante, depois fizeram um grupo grande, um cemitério fechado, tinha tudo.*
>
> *... num sei se era 180 ou era 200, um negócio desse das casas, sem contar que ainda tinha os barracão de salgar peixe.*
>
> *...Agente vivia pescando no rio e no mar. Dava peixe no rio e dava peixe no mar...*
>
> *Dava todo tipo de peixe e aqui no rio mesmo, tinha rubalo, teve tempo que dava rubalo e dava curimam também, dava todo peixe aí, mas agora tem não.*
>
> *Eu acho que além da natureza, as barragens. A natureza é comum né, porque quando o mar é grande ela enche demais, maré morta fica no meio, como assim né? E a barragem vai secando e vai descobrindo as coisa por aí. Quem avança é o mar. Porque a água do rio num dá distância pra água do mar ir simbora. Só fica batendo aí, no remanso. Aí a destruição é essa, porque tudo que vai secando, vai o mar avançando.*
>
> *A gente sentiu foi aflição, quando a gente via botá naquela rua água, que já tava botando na casa de fulano, nóis aí já ia pro mato ou pegava pra tirar madeira pra gente fazer as barraquinha onde agora já comeu de novo, num tem mais... nóis fizemo pra cá , e pensamo que ia ficar né? Qualé ficar! Mais ainda ta é vindo...*
>
> *Ah! Se era? Nóis morava assim como no Arambipe ali, naquelas casa ali do Arambipe e asseguramente a costa era mais pra lá do que tá aí, era mais longe. Eu, tinha aí, era coqueiro, tinha um bugizero, tinha areia quente que a gente num pudia ir pra chegar*

na costa. Era longe menina, era longe mesmo, num sei como é uma coisa dessa."

...era fundo, tinha correnteza, porque quem afunda o rio é a correnteza, porque se não tiver correnteza num afunda."

Eu num tenho medo não, mas eu previno esse dia, acho que ele ainda vem! Sempre fico pensando. Porque a destruição daí num parou, cada maré ele aumenta. O lugar que eu meço hoje, eu meço hoje como bem eu meço 10 pé né? 10 pé eu chamo 10 passada né... aí na outra maré morta, na maré grande que vou, aí num tem mais, só tem 5, só tem 4, eu medi, eu medi 10, eu medi cento e... que vê quantos péis meu Deus? Num sei se foi 120 ou se foi 150, na outra maré cê acredita que 50 já tinha desaparecido? 50 pé meu assim... desaparecido. Agora porque a correnteza só vem do mar..."

"...eu sinto saudade de tudo que foi embora..."

(Dona Maria Adair dos Santos, ex- moradora do Cabeço)

Transição de Imagem (Seqüência 02 para 03): Câmera acompanha passos de Dona Maria Adair em direção ao mar. A câmera anda mais rápido, passa por ela e entra no mar. A imagem vai perdendo a cor e ficando preta e branca.

Transição de Áudio (Seqüência 02 para 03): o barulho do mar se mistura a última frase de Dona Maria Adair, "*eu tenho saudade de tudo que foi embora*", que se repete como se estivesse sendo dita por várias pessoas. Essas repetições se misturam aos choros e lamentações, numa tentativa de reproduzir os sons do Cabeço, quando seus moradores estavam desocupando as casas e tentando salvar seus pertences. Depois de alguns segundos, desses murmúrios, é introduzida a música Candeeiro.

Seqüência 03 – O Cabeço Submerso

Essa música tem duas partes; uma bem lenta e outra mais alegre. Enquanto a câmera passeia por entre as ruínas do Cabeço submerso (reconstituição), toca-se a parte lenta:

> *Não Chores Velho Chico / Sei que é triste / O seu penar /Mas tu és forte / Os filhos teus / Acordarão / Vão te ajudar / Ao acordar / Perceberão / Não deve haver / Mais divisões / Meu São Francisco / Franciscano / Rio de amor / De união.*

Ao fim da última palavra cantada, a câmera atravessa uma "porta", e gradativamente o ambiente vai ficando cada vez mais escuro, até o preto total. A parte lenta e instrumental da música continua e a esta, junta-se os murmúrio do início. Entra em fade caracteres brancos:

> O Rio São Francisco tem 9 barragens construídas ao longo de seu curso. O funcionamento da primeira turbina da Hidroelétrica de Xingo, em 1994, coincide com a destruição do Cabeço.
>
> Em 2006, o Ibama autorizou a transposição do rio São Francisco, garantindo, que não causaria nenhum dano ao meio ambiente.

Os caracteres somem em 'fade in'. Aos poucos, o ambiente vai ficando mais claro, como se a câmera tivesse saindo de um lugar sem luminosidade e entrando em outro mais claro. A câmera continua passeando, sai das ruínas do Cabeço e vai passeando pelas águas, até chegar ao rio (no porto utilizado pela comunidade de Pixaim).

Transição de Imagem (Seqüência 03 para seqüência 01/capítulo IV): Câmera enquadra pés de um homem que anda em direção a terra. A imagem que estava em P&B vai ganhando cor novamente.

Transição de Áudio (Seqüência 03 seqüência 01/capítulo IV): A música lenta, a melancolia, tristeza, gritos e murmúrios, vão sumindo e o som ambiente do rio, da caminhada do pescador dentro da água, do vento, dos pássaros é enfatizado.

CAPÍTULO IV – Candeeiro

Seqüência 01 – Caminhos

Ao sair da água, a câmera segue o pescador, que carrega uma rede nas costas e vai em direção a Pixaim, sem mostrar o rosto: surgem os passos, pegadas na areia, ele de costas passando pela câmera.

A imagem desse pescador será intercalada com a de várias pessoas caminhando, uma a uma: pés de mulher, criança, velho, homem. Todos estão seguindo para a mesma direção. Esses pés vão se encontrando e ficando dispostos um ao lado do outro.

Enquanto isso, em off, escutamos o depoimento de Sr. Aladim Calixto (recolhido em pesquisa prévia) ou por outro, que tenha a mesma essência: o amor pelo lugar que escolheram para viver.

> *"E tem lugar melhor do que aqui home? Eu nasci no Bonito, com a idade de um mês eu vim pra aqui, até hoje, inda tô por aqui, cê tá mim vendo eu aqui. Quando minha mãe terminou o resguarde veio simbora pra aqui, agora o resto todo nascero aqui. Minha mãe morava na Foz, lá no Pontal, mas quando ela casou com o meu pai, ela veio pra aqui. Ela veio pra cá, por que aqui era melhor do que lá. O pai sempre trabalhava aqui, que era em arroz, trabalhava aqui e ela veio embora.*
>
> *Daqui eu gosto de tudo menina. Convivência, os meus bicho que eu crio."*
>
> (Maria Calixto, moradora do Pixaim)

Quando a “fila de pés” já está bem grande, o pés que saíram do rio, junta-se aos demais, câmera sobe em direção ao seu rosto, revelando que é o de Sr. Aladim. Corta para plano geral onde estão todos abraçados. Câmera em close, passeia pelos seus rostos sempre em perspectiva.

Transição de Imagem (Seqüência 01 para seqüência 02): Essa imagem diminui formando um quadrado no lado direito da tela, com os créditos finais no lado esquerdo.

Transição de Áudio (Seqüência 01 para seqüência 02): Entra a parte alegre da música Candeeiro que segue até o fim dos créditos finais e ‘make off’.

Seqüência – 04 – Make Off. e Créditos

É candeeiro que vendo / É da luz que preciso / Pra iluminar / O que penso / Trazer para o rio mais alívio / Meu nome é anunciada / Não posso calar minha voz / Eu sou Maria Laçada / Nasci bem pertinho da Foz.

FIM